Discurso revolução 32

DISCURSO PROFERIDO PELO PROF. DR. LUIZ CARLOS BEDUSCHI, NO DIA 23 DE MAIO DE 1982, NA PRAÇA DR. JOAQUIM BATISTA, DURANTE A CELEBRAÇÃO DO 50º (QUINQUAGÉSIMO) ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932

1. Sr. Prefeito Municipal, Ângelo Berchieri;
2. Srs. Vereadores;
3. Srs. Membros da Comissão Coordenadora dos Festejos;
4. Srs. Ex-combatentes de 32;
5. Senhoras e Senhores.

Estamos aqui reunidos para singelamente, mas com grande significado, dar início às Comemorações do Cinquentenário da Revolução Constitucionalista de 1932.

Com os olhos da saudade, impregnados pelo mais acendrado devotamento cívico, vamos reler a página de nossa História, cujo relato refere-se à imortal cruzada da Gente Bandeirante.

Já não são tantas as testemunhas vivas da Grande Epopeia de São Paulo. O tempo marcha celeremente. A seu lado, caminha a ceifadora inexorável, colhendo vidas que escreveram, com o próprio sangue, o livro da constitucionalidade nacional.

O tempo é implacável. A cada ano que passa, decresce o número de veteranos, testemunhas oculares dos acontecimentos, participantes ativos daquela jornada cívica.

O sangue, a brasilidade, o estoicismo dos paulistas, jamais poderão apagar-se de nossa memória. Cada ano deve ser rememorado como se São Paulo ainda estivesse em armas, visando sustentar o idealismo que, através do sacrifício de inúmeras vidas, se propugnou eternizar.

De pais para filhos, destes para os netos, dos netos para os sucessores, numa cadeia sem fim e indissolúvel, a Revolução de 32 deverá continuar viva na História Pátria, cercada sempre com a auréola do heroísmo, da luta, da vontade de ser livre.

Torna-se imperioso, neste instante, dizer algo sobre os antecedentes do movimento armado que levantou todo o Estado de São Paulo pela reconstitucionalização do País.

O ano de 1932 iniciou-se com prenúncios de que o Governo Provisório de Getúlio Vargas iria enfrentar situações extremamente delicadas no Estado de São Paulo.

Os constitucionalistas liberais retiraram o seu apoio à Revolução de 1930, descontentes com os desacertos da liderança do governo em relação aos interesses do Povo Paulista.

A primeira manifestação de repúdio ao Governo Ditatorial ocorreu no dia 25 de janeiro de 1932, com um grande número de pessoas reunidas na Praça da Sé para ouvir discursos inflamados contra o Governo.

Em fevereiro, no dia 24, ocorreu outra manifestação, contando com apoio ainda maior da população.

O Governo Provisório atendeu a uma das exigências dos paulistas, substituindo o impopular João Alberto por um interventor civil e paulista: o Embaixador Pedro de Toledo.

No dia 13 de maio, nova concentração aconteceu na Praça da Sé. A seguir, uma passeata foi organizada, percorrendo as principais ruas da cidade.

A visita de Osvaldo Aranha, Ministro da Justiça de Vargas, foi anunciada ao povo no dia 21 de maio, suscitando apreensões, pois sabia-se que sua visita à cidade de São Paulo, visava dar um fim ao chamado “Caso Paulista”, depondo Pedro de Toledo e colocando em seu lugar um homem de confiança do Governo Federal.

A animosidade gerada a partir de então tomou conta de todos.

No domingo, dia 22 de maio, o povo foi convocado para comparecer a uma grande concentração.

Os manifestantes dirigiram-se ao Palácio dos Campos Elíseos. Foram recebidos pelo Interventor Pedro de Toledo e exigiram dele uma definição. O embaixador solicitou aos manifestantes aguardarem até o dia seguinte. Caso não conseguisse resolver a questão, deixaria o cargo.

O dia seguinte era 23 de maio.

A partir do meio dia, o Largo de São Francisco já estava tomado. Uma parte dos manifestantes dirigiu-se ao Palácio dos Campos Elíseos para cobrar a promessa feita por Pedro de Toledo. Naquela ocasião, foi anunciada a formação de novo Secretariado, todo ele integrado por paulistas. A visita do Ministro da Justiça fora um fracasso.

O povo exultou de alegria e exigiu a posse imediata dos novos secretários.

Pedro de Toledo anunciou a posse do novo Secretário da Justiça, Dr. Waldemar Ferreira, para as nove horas da noite, no Pátio do Colégio.

A multidão dirigiu-se para lá. O novo secretário foi recebido sob aclamação da multidão. Em seguida, realizou-se uma passeata pelas ruas da cidade, festejando a vitória alcançada.

Entretanto, simpatizantes da ditadura resistiram e passaram a promover desordens, instigando provocações. Covardemente, atiraram contra o povo.

Projéteis assassinos atingiram mortalmente quatro jovens: MARIO MARTINS DE ALMEIDA, EUCLIDES BUENO MIRAGAIA, DRÁUSIO MARCONDES DE SOUZA e ANTÔNIO AMÉRICO DE CAMARGO ANDRADE.

A consternação foi geral.

Da estupefação, o povo passou à revolta, exigindo um reparo às perdas sofridas.

Os quatro jovens, covardemente assassinados, emprestaram as iniciais de seus nomes para a criação do MMDC.

A referida organização passou a comandar a mobilização do Estado de São Paulo contra o poder ditatorial.

MARTINS, MIRAGAIA, DRÁUSIO e CAMARGO escreveram com seu próprio sangue, o primeiro capítulo da Epopeia Cívica de São Paulo.

Logo em seguida, aconteceu a insurreição popular de 9 de julho, justificada pela vontade de propiciar ao País a forma de governo exigida pela consciência nacional.

Hoje, com o descerramento dessa placa, reverenciamos a memória dos quatro mártires de nossa Epopeia, animados pela certeza de que o ideal não morre.

O ideal vive latente nestas quatro letras: MMDC, marco da nossa História, quatro nomes de heróis numa só glória, a glória imortal de 1932.

23/05/82